



cinco de Fevereiro

CMPZ.19.42

Celso Maria de Mello Pupo

Alocução ao inaugurar-se a mostra de antiguidades

A província de São Paulo deveria ter-se espantado, ao raiar o ano de 1842, com a lei promulgada pelo presidente em cinco de fevereiro, elevando à categoria de cidade, vilas vetustas e cheias de tradição: Taubaté era vila desde 1635, portanto já decorridos 207 anos; Itú, vila em 1657, nesta categoria se conservou durante 185 anos; Sorocaba, vila em 1661, por 181 anos, como as duas primeiras, se enobrecera. Foram os três destacados centros de irradiação bandeirista pátrias de nobilíssimas famílias paulistas, palcos de fatos históricos que marcaram a vida do glorioso povo de Piratininga.

Que fazia entre elas a vila de São Carlos, nome então de Campinas, constituída apenas há 45 anos, em 1797? Porque a par da ansiedade das outras entrava esta vila menina?

Respondam aquelas matas gigantes, frondosas e impenetráveis de hercúleos exemplares da flora tropical, que cercavam os três campinhos, atestados de um solo riquíssimo e profundo, respondam as essências florestais mais cobçadas e os cedros enormes e especiais que a talha de Vitoriano dos Anjos transformou em rendas e ramalhetes de flores, em colunas de singular leveza a sustentar coroas que encimam altares, púlpitos que as mais delicadas rendeiras não fariam melhor nos seus crivos; responda este chão generoso, este massapé singularmente regado por águas saudáveis e benéficas; respondam a ação e o entusiasmo do seu primeiro vigário, o "criador da freguesia de Campinas", franciscano humilde e homem de visão e idealismo que aqui anteviu a terra da promessa.

Campinas no seu berço de terra feraz, nasceu predestinada a ser metrópole; de 1774

à vila em 1797, já se podia tornar cidade com 45 anos, em 1842, ombreado-se com tradicionais núcleos urbanos da província. Se a idade não a credenciava para a nobre categoria cidadã, seu rápido progresso e sua riqueza considerável, a classificavam entre as mais merecedoras da distinção.

As clarinadas do seu primeiro vigário, arauto da pujança do solo campinense, espalharam-se repetindo de lombada em lombada, de solar em solar, de vila em vila, clamando aos meninos que as ouviam, aos jovens que as ponderavam, aos senhores que pressentiam boa paga para suas realizações. E Campinas passou, de terra dos que viviam de roça, à objetivo de abastados e poderosos que, com recursos, a demandavam para plantar cana, montar engenhos, fabricar e exportar açúcar para o Reino, e, com tudo isto, aumentar os seus patrimônios.

Iniciada a cultura açucareira em Campinas no setecentismo, já em 1818 Saint Hilaire contava mais de centena de engenhos, muitos de importância. Fabricava-se o açúcar que era enviado a Santos em lombo de burros, em cargueiros, e posto nos navios com destino a Lisboa. Atividade lucrativa, multiplicaram-se as fortunas; senhores de engenho tinham na cidade portuária, firmas comissárias e exportadoras; eram homens de empresa, viavam para centros maiores, frequentavam o Rio de Janeiro e privavam com fidalgos e aristocratas.

Já com sobrados amplos nos engenhos onde moravam as famílias ricas, com casas na vila para a missa dos domingos, as procissões, a Semana Santa, a desobriga; melhorado o mobiliário, as alfaias, porcelanas e cristais, prata e ouro, e apuramento

no vestuário que atestavam consolidação econômica, entrou em Campinas-cidade em 1842, podendo ombrear-se com as vetustas companheiras.

E' deste quarenta e dois e desta sua graduação que hoje nossa cidade comemora mais um aniversário; e a feliz iniciativa desta comemoração foi encontrar nos relicários de preciosidades que senhoras campinenses, ornadas de bom gosto guardam, com cultura e zelo, o que é cara tradição de nossa pátria, transmudando e apresentando neste ambiente de finura e graça, onde se enlaçam a sensibilidade do artista e a beleza do arranjo gracioso, os mais autênticos certificados de um passado feliz. Impossível melhor comemoração que se realiza com enlevo e com recordações.

Que neste pedaço do passado, que dos alfarrábios e dos recantos de avoengos, a nossa imaginação se alcandore para vislumbrar albores do oitocentismo, numa festa de família da época, quando a morgadinha do engenho "tomava estado", entre flores e alegria e com solenidade austera, presentes as mais conceituadas famílias da terra:

Os convidados chegavam a cavalo e só as pessoas idosas se conduziam em liteiras que se vedavam com as cortinas de seda. O "sobrado" de engenho era amplo e senhoril na sua simpleza harmônica que o fazia belo; internamente viam-se os cômodos pródigos de área permitindo melhor perspectiva para as peças de jacarandá ou de caviuna nos seus correntios traços e linhas do estilo Dona Maria primeira.

Um vasto salão com muitas janelas que se abriam para um pomar de mangueiras gigantes que as superavam, acolhia os convidados. Na parede oposta, da qual

pendia espelho de cristal com moldura de talha, encostavam-se um longo canapé e numerosas cadeiras de palhinha trançada nas peças de pesado madeiro; interpunham-se dois consolos elegantes, de quatro colunas torneadas e pés em graciosas recurvas que ocultavam a necessária solidez de suportes, consolos que fronteavam outros dois iguais, entre janelas, todos mantendo castiçais de prata, com velas esguias resguardadas pelas donzelas, grandes mangas de cristal que vedavam a iluminação dos açoites da ventania. A espevitadeira e a salvinha cumpriam sua finalidade, enquanto marcava-se o tempo em grave relógio de pesos e correntes, presidindo do centro da parede e indicando aos dois realejos postados próximos a dois cantos extremos, as horas de prazer que deveriam sonorizar.

No canapé e na maioria das cadeiras, assentavam-se as senhoras de mais idade e descansavam os anciãos alquebrados; as moças de pé, na graça e formosura da juventude, ocupavam toda esta metade do salão, como um ramallete de botões de rosas a embelezar e alegrar o ambiente. Na outra metade e separados pela passagem onde desfilaria a noiva, ficavam os senhores graves nas suas casacas e os moços elegantes no viço da mocidade, a olhar para as moçoilas e com elas trocar olhares tão profundos e significativos, que valiam pelos arroubos de uma declaração de amor, no tempo que se amava à distancia e furtivamente.

Em parede do extremo do salão, entre duas janelas, uma porta de meia rótula e arabescos havia sido aberta desvendando o oratório do solar um altar embutido com a Senhora da Conceição vinda do Reino, talhada, dourada e rendada em cores, vio-

lúcea no seu manto e rosa claro na sua túnica. Acompanhavam-na duas pequenas imagens marcadas pelo tempo, de São Joaquim e São Mateus Evangelista; abaixo, à frente da Senhora, pequena cruz de jacarandá sustinha o Cristo expirante.

Ao lado direito, junto ao oratório, postava-se um jovem elegante vestido de casaca e colete de seda, calça, mais moderna que os calções, também de seda. Moço guapo, esbelto e bem posto, era noivo muito cubiçado; vindo de outras terras, de distinta família abastada e de boa linhagem, era bacharel pelas arcadas numa de suas primeiras turmas, antecedendo-se-lhe um brilhante futuro. O que mais nele se denotava era a inquietação que a todos parecia justificada com a solenidade do ato; mas o que o mantinha alanceado de dúvidas, era, para ele, a desconhecida figura de sua noiva que jamais vira: seria feia, gordalhona, desageitada ou minúscula, insignificante, sem vida? bonita como se lhe afigurava pelos pais? a mãe era apreciável balzaqueana de bastante corpo, jovial rosto cheio de frescor e mocidade; o pai, bem mais velho, não era feio apesar de avantajado nariz que lhe dava ar de superioridade. Para o noivo, os minutos pareciam horas e suas mãos cruzavam-se e desruzavam-se, brincavam nervosamente com os botões do colete como se estivessem sobrando naquela hora de angústia.

Finalmente, no outro extremo do salão, abriu-se uma porta ampla e surgiu um par: ele avelhantado, solene, de casaca e vestia de seda pura, calção de seda fechado abaixo dos joelhos e cobrindo o punho das meias; calçava sapatos com fivelas de ouro e

(Continua na 2.a pag.)

O CINCO DE FEVEREIRO

(Conclusão da 4.a pag.)

a sua faixa militar sobreposta com a espada de punho de prata, significavam o seu alto e antigo posto; sua mão alçada e dentro de uma luva de seda, suportava a delicada mãozinha da noiva que ele conduzia.

O noivo se extasiou; a surpresa era de encantamento; a que iria ser sua esposa era uma faiaça de graça e de beleza: menina moça de catorze anos, já feita de corpo elegante e esbelto, tinha um rosto de anjo, a tez pálida como as flores de estufa, boca bem esculpida e o nariz perfeito entre dois olhos fulgurantes; vestia rendas alvinhentas bordadas a ouro. E o par vagaroso avançou transpondo o salão até o altar onde os noivos prestaram trêmulos os juramentos sacramentais, recebendo as bênçãos do vigário da paróquia amigo dos mais caros da família da noiva que ele batizara naquele mesmo oratório.

Finda a celebração, depois dos abraços e das lágrimas, seguiu-se o banquete na vas-

ta mesa com toalhas e guardanapos de linho, copos de cristal lapidado fina louça inglesa e travessas enormes da Companhia das Índias, com os leitões assados, os cabritos de espeto, os patos recheados, douradas perdizes e o lombo de porco, almôndegas e empadas, a torta de frango e o cuscuz de peixe, seguidos de arroz e das verduras variadas e suculentas. O vinho era do Reino, importado em barrilotes pois os grandes não fariam a travessia da serra de Santos em lombo de burro. A sobremsa surgiram os aces de fruta, goiabas em calda, de caixeta, flácida ou pura, a velha marmelada, branca ou vermelha, os fios d'ovos, papos de anjo, sonhos, fatias do céu, arroz doce e tantos mais.

O novo casal ficava no "sobrado" paterno da noiva; só dias adiante, passaria para residência própria; e então, levaria o mesmo sentir que levaram os convivas e o que também nós, nesta comemoração sentimos contemplativamente: A Saudade.

Salvador o cap. de Mar Guerra, Nogueira de Souza nomeando diretor do Colégio Naval o cap. de Mar e Guerra, Afonso José Pereira.

COLÉGI

RUA LUZ

"o colégio

CURSOS: Adm
Contabilidade

PERÍODOS: M

Matriculas abert

tôdas a

DIRETO